

The Brazilian Effect

Social Technologies for Reconstructing Haiti

Although facing many complex challenges, Brazil is today a hotbed of innovation and progressive experimentation across multiple sectors. Development practitioners, urban planners, agricultural and health specialists and communication and education experts around the world are increasingly looking to Brazil for examples of cutting-edge social technology.

This short report features an array of tried and tested innovations from Brazil that could have applicability for Haiti as it regains its footing after the devastating January 2010 earthquake. Edited by Robert Muggah and Ilona Szabó de Carvalho, it features reflections from leading Brazilian civil society experts from the health, education, urban planning, youth and cultural sectors. The report is supported by Igarapé – Social Cooperation Agency (Brazil).

There are a number of features distinguishing Brazilian social technologies from all the others. At their best, they are data-driven and evidence-based. As a rule, they emerge from social, economic and cultural realities that share many resemblances to countries in Latin America, the Caribbean and throughout Africa. Owing to Brazil's particular historical experience, they are also strongly motivated by values of solidarity and exchange.

O Efeito Brasil

Tecnologias Sociais para a Reconstrução do Haiti

Apesar de enfrentar desafios complexos, o Brasil é hoje terreno fértil para inovações e experiências progressivas em diversos setores. Empreendedores sociais, urbanistas, especialistas em saúde, agricultura, comunicação e educação de todo o mundo buscam exemplos brasileiros de tecnologias sociais de ponta.

Este curto relatório traz uma série de inovações brasileiras já testadas que poderiam ter utilidade para o Haiti, que começa a recuperar suas bases depois do terremoto devastador de janeiro de 2010. Editado por Robert Muggah e Ilona Szabó de Carvalho, inclui reflexões de especialistas da sociedade civil brasileira dos setores da saúde, urbanismo, educação, juventude e cultura. O relatório tem o apoio da Igarapé – Agência de Cooperação Social.

Existem inúmeras características que distinguem tecnologias sociais brasileiras de todas as outras. No seu melhor, elas são baseadas em dados e guiada pela busca de soluções que de fato funcionam e mudam a realidade local. Em sua maioria, elas emergem de contextos sociais, econômicos e culturais que dividem aspectos comuns com países da América Latina, Caribe e África. E devido à experiência histórica particular do Brasil, essas tecnologias são também motivadas por valores de solidariedade e intercâmbio de idéias e soluções.

Haiti's New Deal

Robert Muggah

Hammered by a 7.0 earthquake, Haiti's suffered a big disaster. The country needs big ideas to recover and rebuild. How about a 700,000-strong national civic service corps made up of Haitian youth?

With an estimated 70 per cent of the population under 30 years of age, Haiti is a young country. Demographers have long cautioned how excessively youthful populations can potentially exacerbate under-development and accentuate political instability.

Although Haitians register amongst the lowest levels of education in the world, the country's youth are a wellspring of creativity, talent and potential. But they are stifled by a lack of meaningful opportunities. They are a major resource waiting to be tapped.

Fortunately, Haiti already has an enabling environment to get a civic service corps off the ground. The Haitian Constitution commits citizens to national service, though has never been activated. What is more, Haitian authorities and international organizations can be quickly mobilized to help the government get them going.

Let's keep thinking bigger.

A civic service corps would get the young out of the tent cities surrounding Port-au-Prince and into work. They could start with the once iconic centre of Port-au-Prince, and begin planting trees, working the fields and providing services in Haiti's countryside. This would reverse generations of unfair stigmatization of youth.

Before the earthquake, 50 per cent of youth in their twenties were out of work. Paying them to rebuild the capital brick by brick will be a first step to restoring their and their country's pride and dignity. Haiti's youth occupy a central role in Haiti's recovery.

A civic service corps would allow for a more rapid form of transferring capital.

Direct support to a civic service corps would inject badly needed liquidity into the Haitian economy and stimulate recovery from the bottom-up. Rather than food-for-work schemes, it would allow for direct cash transfers to beneficiaries. Haitian youth and their families don't need paternalistic programs that curb their choices. With proper financial safeguards, a civic service corps would circumvent unnecessary overheads.

A civic service corps would restore national pride in Haitian public institutions. During the past decades, the state provided relatively few services to Haitians, particularly outside of the capital. The state was often downright predatory. In some cases gangs filled the gap. A civic service corps, wearing the Haitian colors would show that the government is serious about renewing the social contract.

A civic service corps also makes sense for long term emergency planning. Because of its geographic location, Haiti can expect more disasters in the coming years. Some 700,000 young people – especially young women – trained in the basics of first aid and response would be a formidable bulwark against future calamities. With disciplined training, the corps could develop crucial skills for long-term reconstruction such as engineering, telecommunications, and public health.

A roadmap is needed to put the civic service corps into motion. Any plan would need to draw on the invaluable experiences of ongoing efforts to mobilize youth in Haiti itself, including the work of USAID and the Brazilian NGO Viva Rio and their creation of youth brigades in Haiti's slums.

Many countries assisting Haiti have extensive experience mobilizing massive youth programs to positive effect. For example, Brazil's national plan for public security and citizenship promotes civic activities for poor youth. Among other things, it provides training and scholarships to youth leaving the military in order to keep them out of crime. These projects made a major difference in most of Brazil's major metropolitan centers.

Of course, the civic service corps would need to be managed by the Haitian government. But there are many countries that could provide advice and support.

Traditional donors like the United States have long records of social mobilization stretching back to the New Deal and the Works Progress Administration. Meanwhile, governments and civil society organizations in the European Union, Brazil and China have formidable expertise in scaling-up youth schemes.

Robert Muggah is based at the Graduate Institute of International and Development Studies in Geneva, is a principle of the SecDev Group and is currently advising multilateral and bilateral organizations on Haiti's recovery.

O 'New Deal' haitiano

Robert Muggah

Atingido por um terremoto de 7,0 graus, o Haiti sofreu um grande desastre. O número estimado de mortes ultrapassa os 150 mil e os custos de reconstrução são incalculáveis. O país precisará de grandes idéias para se recuperar e se reconstruir. O que dizer de um corpo nacional de serviço civil formado por 700 mil jovens? Há muitas razões pelas quais essa idéia faz sentido.

Com cerca de 70% da população abaixo dos 30 anos, o Haiti é um país jovem. O segmento de idade entre 15 e 29 anos sozinho constitui 50% da população. Há muito tempo os demógrafos alertam sobre como populações excessivamente jovens tem o potencial de exacerbar o subdesenvolvimento e acentuar a instabilidade política.

Apesar de o Haiti registrar um dos mais baixos níveis de educação no hemisfério ocidental, a juventude haitiana é um manancial de criatividade, talento e potencial. Não é preciso ser um especialista em desenvolvimento comunitário para saber que essa juventude está sufocada pela falta de oportunidades significativas. Esses jovens são um grande recurso apenas esperando para ser utilizado.

Felizmente, o Haiti já tem um ambiente propício para o estabelecimento de um corpo de serviço civil. O artigo 52 da Constituição haitiana torna mandatário o serviço nacional para os cidadãos, apesar de nunca ter sido colocado em prática. Além disso, há um grande número de organizações internacionais e haitianas mobilizadas e prontas para ajudar o governo a dar o primeiro passo nesse sentido.

Mas vamos continuar pensando grande.

Um corpo de serviço civil iria tirar os jovens e os capazes dos acampamentos em torno de Porto Príncipe e direcioná-los para o trabalho. Eles poderiam começar pelo que já foi o emblemático centro de Porto Príncipe, mas também podem atuar plantando árvores, trabalhando nos campos e oferecendo serviços na zona rural do Haiti. No mínimo, isto reverteria gerações de juventude injustamente estigmatizada.

Essa medida daria uma solução rápida e positiva para o problema da mão-de-obra ociosa. Antes do terremoto, 50% dos jovens com cerca de vinte anos estavam desempregados. Dar-lhes trabalho na reconstrução da capital e de seus arredores seria o ponto de partida para restaurar o orgulho e a dignidade desses jovens e do país. A juventude haitiana é o futuro e é primordial para a recuperação do Haiti.

Um corpo de serviço civil também multiplicaria os esforços internacionais para promover recuperação durante e depois de o mundo se voltar para a próxima crise. Neste momento, a comunidade internacional de doadores e as agências multilaterais enfrentam desafios monumentais

para coordenar sua ajuda. Literalmente, centenas de agências multilaterais, governos doadores e organizações não-governamentais estão envolvidos. Apesar de comprometidos com um rápido desembolso, os custos dessas transações são enormes. Um corpo de serviço civil representaria uma forma mais rápida de transferir capital.

Apoio direto a essa força-tarefa injetaria liquidez considerável na economia haitiana e estimularia uma recuperação de baixo para cima. Em vez de esquemas do tipo “comida-por-trabalho”, o conjunto de boas práticas internacionais recomenda projetos que promovam transferência monetária direta aos usuários. Os jovens haitianos e suas famílias tem necessidade urgentes e não precisam de programas paternalistas que limitem suas escolhas. Com supervisão apropriada e salvaguardas financeiras, um corpo de serviço civil contornaria custos administrativos desnecessários.

Mais importante, uma força-tarefa civil restauraria o orgulho cívico e a confiança nas instituições públicas haitianas. Durante as últimas décadas, o Estado ofereceu relativamente poucos serviços aos haitianos, principalmente fora da capital. Em alguns casos, entidades estatais eram simplesmente predatórias. Como resultado, autoridades não-estatais, incluindo gangues e intermediários suspeitos, preencheram as lacunas. Um corpo de serviço civil, usando as cores haitianas e agindo como unidades de resposta rápida ou organizações de presença ostensiva, mostraria que o governo está comprometido em dar apoio aos cidadãos. Seria um primeiro passo simbólico para a renovação do contrato social.

Um corpo de serviço civil também seria útil em planejamentos de longo prazo para situações de risco e emergências. Estando situado na rota de furacões e em uma falha geológica, o Haiti espera mais desastres nos próximos anos. Ter 700 mil jovens treinados em primeiros socorros, respostas emergenciais, policiamento comunitário e outras atividades seria uma maneira formidável de evitar que futuras calamidades se tornassem ainda piores. Com treinamento disciplinado e gerenciamento, essa força-tarefa poderia prover treinamento intensivo em áreas mais especializadas – engenharia, telecomunicações e saúde pública.

Um primeiro passo para colocar a juventude haitiana para trabalhar poderia incluir a elaboração de um mapa do caminho para futuras conferências de doadores e eventos internacionais, incluindo as conferências de doadores de hoje em Montreal e Davos. Qualquer plano final teria que considerar as inestimáveis experiências de esforços atuais para mobilizar a juventude no Haiti. Entre essas, a experiência da ONG Viva Rio e seu apoio à formação de brigadas jovens nas favelas haitianas. Antes do terremoto, o Viva Rio e os soldados da força de paz brasileira tinham recrutado e treinado centenas de jovens haitianos, incluindo membros de gangues. Esse programa poderia ser reativado para incentivar novas iniciativas.

O fato é que muitos países, inclusive o Brasil, tem extensa experiência em mobilizar programas juvenis de grande escala com efeitos positivos. Por exemplo, o plano nacional brasileiro para segurança pública e cidadania (PRONASCI) promove atividades cívicas para jovens pobres. Projetos específicos,

como a reserva cívica (Reservista Cidadão), envolvem jovens deixando o serviço militar e buscam oferecer treinamento profissional, educação e bolsas de estudos, claramente com a intenção de afastá-los do crime. Juntas, essas iniciativas já recrutaram milhares de adolescentes por cerca de dois anos e catalisam mudanças progressivas em todas as principais metrópoles brasileiras.

Obviamente, o corpo de serviço civil precisaria ser gerenciado pelo governo haitiano, com supervisão direta do Gabinete do Presidente e do ministro do Interior do Haiti. Muitos países poderiam oferecer conselhos e apoio para construir rapidamente a base dessa força-tarefa no Haiti.

Doadores tradicionais, como os Estados Unidos, apresentam vasta experiência em mobilização social proveniente do New Deal e da Works Progress Administration. Enquanto isso, Brasil, Canadá, China e países da União Européia tem conhecimento formidável em incentivos a programas juvenis.

Primordialmente, grupos não-governamentais e doadores privados poderiam ter um papel-chave na mobilização de apoio e na transmissão de habilidades essenciais.

Robert Muggah é diretor de pesquisa do Small Arms Survey, Graduate Institute of International and Development Studies, em Genebra. Ele é também diretor do The SecDev Group e autor de livros e artigos sobre atuação internacional no Haiti.

Re-imagining community health in Haiti?

Daniel Becker

Brazil has undertaken a unique path with respect to health. The country's experience could serve as a positive influence on the reconstruction of Haitian society.

The country went through what amounts to a silent revolution in the health sector during the 1990s. In the wake of the 1988 Constitution and the creation of a National Health System (Sistema Único de Saúde), a new model of care was needed. The earlier model based on hospital assistance and curative care was a disaster in all respects. It lacked effectiveness, efficiency, and generated widespread dissatisfaction amongst users, professionals and the public alike.

This network of primary care health centers was poor and had little respect. As a result, the population often sought emergency rooms for routine problems, resulting in a wastage of resources and undermining health care services across the board. What is more, people in need of continuous care continued to be attended by unknown professionals, and often returned to the same social conditions and behaviors that contributed to their illnesses in the first place. They would get ill again and in consequence forced back to the queue.

In the beginning of the 1990s a new model appeared, based on local experiences using the Cuban and English approach to family medicine and the community health agents program that was successful at reducing infant mortality in the Northeast of the country. Those experiences led to the creation of the Family Health Programme (PSF)– which emerged as a national public policy by 1994.

What is extraordinary about the Brazilian experience over the past 16 years is how it renews the concept of Comprehensive Primary Healthcare (CPHC) first presented at a WHO Conference in Alma Ata in 1978. The CPHC approach had been abandoned owing to structural adjustment policies imposed by international financial institutions such as the World Bank and the International Monetary Fund, which favored vertical and focused programs for the poorest of the poor only. Brazil, however, resisted these tendencies and constructed a unique system with tenacity and resilience.

The “secret” of the Brazilian experience resides in the territorial and community-based approach adopted by health teams. The so called Family Health Strategy provides teams formed by a General Practitioner, a nurse, nurse technicians, and community health agents (community residents with basic health training). These teams were all designated to specific community areas. The programme is designed to generate mutual responsibilities and accountability between the team and communities in which they work. They use simple and appropriate technologies, and in some municipalities, these teams count with a nucleus of support with other health professionals such as specialised doctors, recreationists, nutritionists, physiotherapists and psychologists). The programme is credited with resolving roughly 80 per cent of the health challenges facing communities and preventing diseases.

And the programme does much more than prevent illness. With professionals and residents working together, these interventions are able to reduce local factors contributing to poor health and promote the positive determinants of health, generating conditions for more healthy living. A range of innovative and creative local solutions emerged using local resources including: actions in schools, theatre and arts for sensitisation, sport and recreation programmes with youth, children and the elderly, community therapy, and even cultural initiatives and local employment such as income generation projects.

In this way the programme has not only improved conventional indicators of health: today the programme is a shining example of an inter-sectoral model featuring participatory management and a holistic approach to enhancing overall quality of life. By recruiting locally, the programme also generates employment in communities where it is established. Moreover, the programme reduces excessive duties on hospitals, contributing to organize the utilization of the health system as a whole.

Today more than 100 million Brazilians are covered by the Family Health Strategy. In order to function appropriately, it is critical that the initiative does not operate autonomously but rather is inserted into an integrated health system. A family doctor should be able to refer his patients to specialists with appropriate exams and hospital care. The system must be managed in such a way that it is attentive to emergencies and patients who require continued care.

New communications technologies are also a promising way to support primary care in rural and remote areas where medical attention is logistically challenging. With transmissions of data, images and sounds via cellular phone, or the use of cellular applications issuing professional and technical instruction for health care professionals, it is possible to multiply efforts for the worse-off. The potential for reducing costs and increasing health access can thus be dramatically increased.

It is important not to repeat the errors of the past in the reconstruction of Haitian society and its health systems. It is time to turn a page from the time when services were distant from the population, where accountability was so dispersed as to be non-existent, and where access was determined by the price a patient was able to pay. It is vital to learn from successful experiences and take advantage of newly available technologies that can reduce costs and improve access and outcomes.

In thinking about new possibilities for public health in Haiti, there is a critical opportunity to intensify the role of young Haitians – who make up a majority of the population – in Primary Health Care programmes such as the Family Health strategy. It might be possible to offer them a central role in the reconstruction of the country and a crucial mission. Imbued with values of solidarity, their involvement in health delivery could be a first step to the rebirth of a nation.

Daniel Becker is a pediatrician trained in Brazil and France and holds a Masters in Public Health. His main areas of expertise are health promotion, primary health care and community development. He founded CEDAPS in 1993. The organization is a national and international reference center in research and intervention in community health. He is a consultant for different organizations, including today the Dreyfus Health Foundation.

Um revolução semi-silenciosa: saúde e experiências exitosas para Haiti

Daniel Becker

O Brasil tem seguido uma trajetória bastante única na área da saúde, e essa experiência pode ter uma influência fortemente positiva na reconstrução da sociedade haitiana.

A área da saúde no Brasil vem passando por uma revolução semi-silenciosa desde o início dos anos 90. Com a Constituição de 1988 e a criação do Sistema Único de Saúde, foi preciso inovar. O modelo baseado na assistência hospitalar e no foco curativo apenas era um fracasso em todos os aspectos: sem efetividade, ineficaz e caro, gerava insatisfação entre usuários, profissionais e o grande público.

A rede de postos de saúde era carente e desprestigiada. A saída da população era procurar atendimento em emergências, gerando desperdício e total inadequação do cuidado em saúde. Pessoas que precisavam de cuidados contínuos eram atendidas pontualmente por profissionais desconhecidos, voltando às condições que geraram suas doenças. Sem continuidade no cuidado, adoeciam de novo e voltavam às filas.

No início dos anos 90, experiências locais baseadas nos modelos cubano e inglês do medicina de família, e nos agentes de saúde comunitários que reduziam a mortalidade infantil no Nordeste engendraram a criação do Programa de Saúde da Família, adotado como política pública em 1994.

O que é extraordinário na experiência brasileira é que na sua evolução, ao longo dos últimos 16 anos, ela resgata a Atenção Primária à Saúde Integrada (Comprehensive Primary Health Care), proposta em consenso por todos os países presentes na Conferência da OMS em Alma-Ata (1978), e que foi abandonada principalmente pelas políticas de ajuste econômico propostas pelos organismos financeiros internacionais. As políticas que foram levadas à frente, baseadas em pacotes verticais e focalizados para populações mais pobres, não apenas fracassaram mas destruíram a maior parte dos Sistemas Nacionais de Saúde em países em desenvolvimento. O Brasil resistiu a esta tendência e construiu um sistema que se revelou único e surpreendente.

O “segredo” brasileiro é a vinculação territorial de equipes de saúde. No programa, equipes formadas de um médico generalista, enfermeiro, técnico de enfermagem e agentes de saúde atendem áreas específicas de comunidades geralmente em áreas de pobreza. O PSF cria um vínculo de responsabilidade (e afeto) entre uma equipe de saúde e uma comunidade. Com tecnologias simples e contando em alguns municípios com núcleos de apoio com outros profissionais (médicos especialistas, educadores físicos, nutricionistas, fisioterapeutas e psicólogos), o programa soluciona mais de 80% dos problemas de saúde nas comunidades e previne doenças.

Mais do que isso: faz com que profissionais e moradores se aproximem e trabalhem juntos, combatendo os fatores locais que geram a doença e promovendo as condições que produzem saúde.

Surgem soluções inovadoras utilizando recursos locais e parcerias com outras políticas públicas: ações nas escolas, teatro, artes, programas esportivos e recreativos com jovens, crianças e idosos, terapia comunitária, e até projetos culturais e de geração de emprego e renda locais.

Desta forma, além de melhorar os indicadores clássicos de saúde, a hoje chamada Estratégia de Saúde da Família (ESF) vem tornando-se um modelo de intervenção intersetorial, contando com participação popular na sua gestão e promovendo a qualidade de vida e forma mais ampla. Com a contratação de agentes, gera emprego nas comunidades onde é implantado; com a alta resolutividade, reduz a carga dos hospitais e organiza o sistema, permitindo o aproveitamento adequado de leitos, emergências e especialistas.

Hoje mais de 100 milhões de brasileiros são cobertos pela ESF. Para funcionar de maneira adequada, é claro que esta deve estar inserida em um sistema de saúde que abrange os níveis mais complexos de atendimento. Um médico de família precisa poder encaminhar seus pacientes a especialistas, exams e hospitais. O sistema deve ser gerido de forma a atender emergências e pacientes que exigem cuidados contínuos.

As tecnologias de comunicação são hoje também promissoras para o apoio a Atenção primária em áreas rurais e remotas, onde é difícil conseguir a presença de médicos. Com a transmissão de imagens e sons via celular, e o uso de aplicativos para celulares com algoritmos de atendimento que instruem profissionais de saúde de nível técnico a gerenciar casos mais simples e encaminhar pacientes graves, o potencial de redução de custos e aumento do acesso à saúde se multiplica.

Na reconstrução da sociedade haitiana, no que tange aos serviços de saúde, é importante não cometer os mesmos erros que levaram ao fracasso: serviços distantes da população, sem vínculos de responsabilidade, onde o acesso – devido à dificuldade – muitas vezes será definido pela propina, e onde a efetividade e os resultados serão limitados. É preciso aprender com as experiências exitosas e aproveitar as novas tecnologias disponíveis, que reduzem custos e melhoram resultados e acesso.

O aproveitamento dos jovens haitianos – a parcela majoritária da população – em programas semelhantes ao Saúde da Família, pode oferecer a eles um protagonismo único na reconstrução do país, afastando-os do crime e oferecendo não só um trabalho, mas uma importante missão, imbuída de valores como solidariedade e afeto, intangíveis mas fundamentais para o renascimento de uma nação.

Daniel Becker é pediatra treinado no Brasil e na França. Possui Mestrado em Saúde Pública. Suas principais áreas de especialização são promoção da saúde, atenção primária e desenvolvimento comunitário. Fundou o CEDAPS em 1993. A organização hoje é referência nacional e internacional em pesquisa e intervenções em saúde comunitária. É consultor de diferentes organizações, incluindo a Dreyfus Health Foundation.

Reinventing Haiti: Recycling for the Future

Pedro Evora

This week the future of Haiti will be reviewed under the auspices of the United Nations. Described as a 'donor conference', the forum will bring together the principle donor countries involved in reconstruction efforts for the quake-ravaged country, including Brazil, alongside the United States and the European Union.

There is much at stake. What is up for grabs is nothing less than billions of dollars in investment toward the reconstruction of Port-au-Prince alongside with long-term investment strategies for the entire Haitian territory.

As an architect, I traveled to Port-au-Prince on 30 January just two weeks after the earthquake in order to work on emergency projects with the UN Stabilization Mission of Haiti, or MINUSTAH. The fragility of the situation was inescapable, right down to the very floorboards I trod upon. Virtually every man-made physical structure was destroyed, including infrastructure, the principle buildings, its public institutions and many of the city's symbols.

The current situation is one of radical circumstances. There is a near total absence of infrastructure and networks for energy, water, sewage, transportation and basic foodstuffs. There are no ports, markets, productive sector or services to speak of.

The school and public health systems, already weak, practically vanished. There are few institutions able to develop a coherent reconstruction project. And the future looks challenging: this is a country with depleted natural resources, exposed to hurricanes, rains and still more earthquakes.

The international community and the United Nations must pull out their checkbooks and potentially suspend wider ideological clashes in post-disaster Haiti. They should treat this as a humanitarian crisis. But they could also see this moment as an opportunity to demonstrate wider potential for mobilisation, transformation and expressions of solidarity.

One word that perhaps best defines this moment is "reinvention". We would do well to support reinvention of and departure from existing patterns of urbanisation and organisation up to now around the world.

The earthquake generated a crisis of habitat for hundreds of thousands of homesteads. In Haiti, the problem of housing requires a new approach. Any investment in new solutions should account for the following three factors: they should draw on advanced technologies suited to environmental needs on the ground; they should be easily and cost-effectively reproduced industrially; and they should be culturally appropriate and mobilised by Haitians themselves.

There is already a lively debate underway on possible habitat solutions. But the debate on city spaces and urban planning remains just that – a debate. There is a need to articulate alternative visions, but also to transform these exciting words into real deeds.

In addition to addressing the extreme infrastructure fragility in central areas, there is widespread consensus on the need to promote wider decentralisation of city residents to the country-side. Some hypothesise that effort to decrease the urban density is key to establishing an alternative relationship between Haitians and the occupation of land. Inevitably, this will also require increased spending and the creation of new networks of connectivity in to support new productive nodes.

The challenge will be to balance urban density at the centre and periphery while simultaneously preserving more fundamental symbolic features of society. While many of these very symbols may be hidden under the debris and wreckage, there is a possibility of promoting new relationships between people and the land.

The downtown areas of the capital were without doubt the worse affected. Central neighbourhoods of Port-au-Prince were reduced to rubble. Their reconstruction will require in the first instance a massive clean-up strategy, the identification of empty land and the generation of projects that will better service each area than in the past.

What is more, Haiti could be transformed into an expression of wholesale recycling. This process would occur not just in relation to wider aspects of urban renewal, but also in relation to the waste and wreckage accumulated in the streets.

In fact, “debris” itself could be re-cast as the primary material fueling the country’s reconstruction. Instead of being discarded once again, it could be transformed into material for landfills, the containment of precarious slopes, the ingredients of masonry and into concrete to rebuild anew. Also, plastic, like PET bottles and bags, could be transformed into panels and roofing for homes.

It is possible also to extend the recycling concept into organic waste. For example, the primary source of cooking fuel in Haiti is carbon, energy that is in short supply. It would be possible instead to collect human waste and sewage and subsequently transformed into natural gas through biodigester tanks. Meanwhile, rain water could be collected using communal cisterns to support home gardens, but also for wider city and regional consumption.

In Haiti there is still no building code to guide construction. In some cases, these codes have yet to be written. It is also likely that earthquakes and hurricanes will recur suggesting an urgent need to rebuild. The United Nations, donor countries and Haitian partners should take the slogan ‘build back better’ literally. They should also revisit what is really meant by ‘better’.

Any physical reconstruction programmes in Haiti must be accompanied by equivalent social programmes. These interventions should incorporate the everyday informality and dynamism that is

characteristic of social life in the country. To be effective, any new norms, including building codes, will need to be absorbed and accepted by the population.

Brazil has the capacity to assist in the reinvention of Haiti. It has the civil construction skills, materials, management and logistical know-how, and technological skills to move the agenda forward. As a well known proverb reminds us, simple problems should be faced with maximum attention while complex questions should be resolved simply.

One implication of any simple response is the recognition that there is no single solution to all of Haiti's challenges. Rather, we must be thinking in terms of a system of responses sector by sector to help Haiti's reinvention endure.

Pedro Evora is an architect and a professor associated with the the Faculty for Architecture and Urbanism at the Federal University of Rio de Janeiro. He is also a consultant to the Institute of Brazilian Architects and an associate of Rua Architects (www.rualab.com).

Haiti, um desafio à Humanidade

Pedro Évora

Nesta semana, em Nova Iorque, estará acontecendo uma importante reunião na ONU que iniciará a traçar o futuro do Haiti. Trata-se do “encontro dos doadores”. Um foro dos principais países envolvidos na reconstrução do país destruído pelo terremoto de 12 de janeiro, onde o Brasil, junto aos Estados Unidos e a União Europeia, preside a seção.

O que está em jogo não é apenas a gestão dos bilhões de dólares direcionados ao país, nem apenas as diretrizes para reconstrução de Porto Príncipe, mas também as estratégias e conceitos e nortearão as ações para a totalidade do território haitiano.

Desembarquei em Porto Príncipe em 30 de janeiro, logo após o terremoto, para trabalhar em projetos emergenciais para a Minustah (nome dado às forças da ONU em Porto Príncipe). A constatação da fragilidade de tudo que nos cerca, inclusive o próprio chão, é transformadora. O Haiti teve todas as suas estruturas destruídas; suas infraestruturas, suas principais construções, suas instituições e muitos de seus símbolos.

O cenário atual é composto por condicionantes radicais. Nas infraestruturas, há ausência de redes de energia, de água, esgoto, transportes e alimentos. Há ausência de portos, mercado, setor produtivo e de serviços. Ausência de rede escolar, de saúde pública mas sobretudo de instituições capazes de levar a cabo um projeto de reestruturação. Um país com recursos naturais escassos, ameaças de furacões, fortes chuvas e terremotos.

A comunidade internacional e as Nações Unidas estão postas em cheque pois precisam despir suas questões ideológicas para enfrentar este desafio. Trata-se de um desafio à humanidade, que tem aí a oportunidade de mostrar seu potencial de mobilização, transformação e solidariedade.

A palavra que talvez melhor defina este desafio é Re-Invenção. Reinvenção dos padrões de urbanização e organização que experimentamos até agora no mundo.

Estima-se um déficit habitacional de centenas de milhares de casas. O problema de acomodação da população deve passar pelo desenvolvimento de novas soluções construtivas que possuam essencialmente três fatores: sejam tecnologicamente avançadas, para responder às condicionantes naturais, sejam acessíveis e reprodutíveis industrialmente, para que possam dar conta da escala da urgência do problema e que sejam culturalmente apropriáveis, para que possam ser implantadas pelo próprio povo haitiano.

Muito já está sendo discutido para solução destes problemas, mas o debate sobre os espaços da cidade e sobre o planejamento em escala regional serão os únicos capazes de articular os diferentes campos e transformá-los em projeto.

A partir da constatação da fragilidade das infraestruturas remanescentes nas áreas mais centrais, se discute o conceito de descentralização e manutenção de populações no campo. É a hipótese do desadensamento da cidade como forma de promover uma outra relação dos haitianos com a ocupação do solo, que implica em gastos elevados na implantação de redes de conexão destes novos assentamentos às áreas produtivas.

Balancear densidades ocupacionais no centro e fora dele para que se possa ao mesmo tempo preservar aspectos simbólicos fundamentais à sociedade, mesmo que estes estejam ocultos sob os entulhos e ao mesmo tempo promover outras relações com a terra.

O centro da cidade foi sem dúvida a área mais afetada da cidade. Os bairros centrais de Porto Príncipe encontram-se em escombros e soterrados por entulho. Sua reconstrução implica inicialmente em uma estratégia de limpeza, identificação de terrenos vazios e eleição dos projetos que melhor se adequarão à cada parte.

Haiti pode se transformar em um expressivo caso de reciclagem generalizada. Não apenas das idéias de cidade e urbanização mas também de todo lixo e destroços acumulados pelas ruas.

O entulho passa portanto a poder ser visto como matéria prima para a reconstrução do país. Podendo ser transformado em material para aterros, contenção de encostas, alvenaria e até concreto. Os plásticos, como garrafas pet e embalagens podem ser transformados em painéis de fechamento e telhas de cobertura das casas.

A matriz energética para a cozinha haitiana é o carvão, portanto, todo o esgoto pode ser acondicionado e transformado em gás de cozinha através de tanques biodigestores e as águas das chuvas devem ser coletadas e utilizadas em escala comunal para agricultura familiar e regional para abastecimento.

O Haiti não possui um código de obras que norteie suas construções. Este terá que ser escrito. Terremotos acontecerão novamente e furacões, muito em breve. As Nações Unidas tratam o assunto sob o lema "Building Back Better" (construir novamente melhor) portanto é importante atentarmos para o que consideramos melhor.

Os programas de reconstrução do Haiti deverão estar cruzados com programas sociais equivalentes, capazes de incorporar a informalidade e a força da população como ativo, para que estes novos códigos se entrelacem à sociedade e façam sentido à população.

Desde os itens para construção civil, à inteligência logística, governança e projetos, o Brasil tem condições hoje de fornecer toda a tecnologia necessária para ajudar na reconstrução do Haiti.

Como nos ensina o provérbio, problemas simples devem ser encarados com a máxima atenção enquanto questões complexas devem ser resolvidas pela simplicidade.

A implicação desta simplicidade está na consciência de que não existirá uma solução única para tudo mas sim um sistema de respostas que possa dar conta de cada setor dos problemas ao longo do tempo.

Pedro Évora é Arquiteto, professor de projeto na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, conselheiro do Instituto dos Arquitetos do Brasil e sócio em Rua Arquitetos (www.rualab.com).

An educational revival in Haiti: from the ground up

Rafael Parente

Even before the Haitian earthquake, the education system was in serious trouble. The challenges were legion: roughly half of all children were out of school; non-public schools accounted for 80 per cent of attendees; private school fees charged premiums above what the average Haitian citizen could afford; there was a serious lack of qualified teachers and books; there was a school deficit, especially in rural areas; and the universities suffered serious institutional and physical infrastructural problems. Roughly half the population was illiterate.

The natural disaster exacerbated an already miserable situation. With approximately half the population under the age of 18, the future of young survivors, already precarious, got worse. Schools and universities were destroyed and a good number of professors, administrators and directors of various institutions were killed along with the fathers, mothers and families of thousands of children.

A number of large international agencies are in the process of designing reconstruction plans for the country. Across the spectrum most policy makers and practitioners concede that education is fundamental to future development of Haiti. Notwithstanding their lofty rhetoric, the Haitian population themselves decided not to wait for official aid and began to do what needed to be done. Self-help community groups began organizing and adapting to a reality even more cruel than their previous one.

Although commendable, the support and plans being advanced by the international community should be tempered to the reality on the ground. The zealous response of those who would do good should take account of the interests of Haitians themselves. At the same time, there are opportunities for the exchange of educational solutions between Brazil and Haiti due to their strong social and cultural affinities. There are fascinating possibilities to adapt lessons from Brazil to Haiti.

Over the past decades, a great number of the more successful and innovative Brazilian experiments in education emerged from NGOs, community organisations and other non-profit local groups. The Uerê Project, for example, works with youth and children who suffered traumas caused by a daily co-existence with violence leaving them facing cognitive disruption and learning difficulties, such as dyslexia.

The project emerged from the experience of Yvonne Bezerra de Mello with street children. After the slaughter of Candelaria, in 1993, Yvonne started daily support for some 120 children survivors. She also began to research the causes of psychological trauma, including neurological damages. On the basis of this initial experience, she elaborated a new methodology that included 'deblocking' exercises, self-esteem projects and dream stimulation processes to support the reintegration of children and youth into their communities.

Today Yvonne applies her methodology in a school of the Complex of Maré, one of the largest group of favelas of Rio de Janeiro. She also works with the 'Schools of Tomorrow', a programme that integrates a collection of municipal schools in high-risk areas of the city. This programme also includes other initiatives that might be usefully adapted to support the wider educational system in Haiti.

The Neighbourhood-Educator, launched by the NGO Aprendiz, also trains residents in specific communities that the neighbourhood is a zone for educating children. Education – whether formal or informal – should not be confined to new schools alone. It can take place in parks, gardens, churches, homes and whatever spaces are minimally appropriate for social gatherings.

What is more, members of the community – including musicians, cooks, mechanics and story tellers can all play a role. In some cases they can work just a few hours for day and be remunerated as appropriate. In Brazil, these educators were provided with employment for 4 hours a day and earned the equivalent USD40-200 a month.

The NGO Redes de Maré oversees analogous interventions. They seek to unite and organize community talents to reinforce existing education systems. Their focus is on cultural activities – sometimes combining mathematics instruction with theatre and music. The basic philosophy is the harnessing of local human and physical resources already available to positive effect. It is precisely this kind of philosophy which might have application in post-quake Haiti.

There are also examples of innovative Brazilian public programmes designed to extend education that could be adapted to the Haitian context. The Bolsa Familia is a widely recognized programme that introduces conditional cash transfers to support poor families that ensure children and youth are properly vaccinated and in schools. At a minimum, the provision of cash transfers to women effectively subsidizes formal education and the feeding of children.

Likewise, the University Programme for Everyone (ProUni) also provides scholarships for full and part-time students in Brazil. It provides subsidies for public, private and university education. Specially adjusted versions could be created in Brazil and indeed across the Americas – with Haitians taking part and ultimately returning to Haiti to contribute to further reconstruction.

Finally, there are also new innovations in the philosophy of education that may have application in Haiti. For example, the Brazilian Professor Antonio Carlos Comes da Costa has adapted ideas from Jacques Delors (UNESCO) and his four pillars of education.

The fourfold pillars of 'learning awareness', 'acting', 'living together' and 'being' are gradually being converted into a Brazilian reality through what is described as 'inter-dimensional education'. Through this new pedagogical philosophy, Professor Comes da Costa is translating these four pillars into basic competencies. Specifically, he is developing conceptual modules for values-education, self-respect, 'auto-didactics' and others.

These are just some of the many practical solutions from Brazil that could be positively adapted to the Haitian context. It is essential that any educational transformation is prioritised according to needs on the ground. And notwithstanding the impulse to invest in recruiting and training formal teachers and bricks and mortar, international agencies and Haitian authorities would do well to consider latent capacities and new forms of education. Many answers to Haiti's educational revival may be right before their eyes.

Rafael Parente is an educator and researcher. He is currently a sub-secretary for strategic projects of the Municipal Secretary of the Education in Rio de Janeiro. He has a Masters in Education Management from PACE and is in the final stages of a PhD in International Education from New York University. He is especially interested in educational systems across Latin America, particularly those using information and communication technologies and forming public-private partnerships.

References

<http://www.nytimes.com/2010/02/14/world/americas/14schools.html>

<http://www.nytimes.com/2010/03/15/opinion/15mon3.html?th&emc=th>

http://www.unicef.org/emerg/haiti_52590.html

<http://web.worldbank.org/WBSITE/EXTERNAL/COUNTRIES/LACEXT/0,,contentMDK:21896642%7Epag ePK:146736%7EpiPK:146830%7EtheSitePK:258554,00.html>

<http://www.marginalrevolution.com/marginalrevolution/2010/01/education-in-haiti.html>

http://en.wikipedia.org/wiki/Education_in_Haiti

<http://www.nationmaster.com/country/ha-haiti/edu-education>

http://www.unesco.org/en/education/dynamic-content-single-view/news/education_is_at_the_core_of_haitis_recovery_and_is_the_key_to_haitis_development_un e/back/9195/cHash/fabfdacc72/

<http://www.loc.gov/rr/international/hispanic/haiti/resources/haiti-education.html>

<http://aprendiz.uol.com.br/content/rocheprewr.mmp>

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=15133:brasil-ajudara-a-recuperar-a-educacao-superior-no-haiti&catid=212

http://odia.terra.com.br/portal/rio/html/2009/8/cdd_sera_bairro_educador_27405.html

Reconstruindo a educação no Haiti, de baixo para cima

Rafael Parente

Mesmo antes do desastre, o sistema educacional no Haiti já tinha problemas enormes: 50 por cento das crianças não frequentavam a escola; escolas privadas, gerenciadas por igrejas e ONGs atendiam 80 por cento das crianças sendo educadas; as mensalidades das escolas privadas eram altas para a realidade da população e só 30% dos alunos chegava ao 6º ano do ensino fundamental; a falta de professores qualificados e livros didáticos adequados levavam a baixos resultados acadêmicos e altas taxas de reprovação e evasão; havia um deficit de escolas, principalmente nas áreas rurais; grande parte das universidades tinha problemas sérios de infraestrutura, turmas superlotadas e falta de professores; quase metade da população sofria com o analfabetismo.

Em um país onde aproximadamente metade da população ainda não atingiu 18 anos, o futuro das crianças e jovens que sobreviveram à catástrofe foi completamente abalado pelo terremoto. Escolas e universidades foram destruídas, muitos professores, coordenadores e diretores de instituições de níveis variados morreram e milhares de crianças perderam seus pais e familiares.

Grandes organizações transnacionais fazem planos para a reconstrução do país e concordam que a educação é fundamental para o futuro desenvolvimento do país. Enquanto isso, a própria população decidiu não esperar pela ajuda oficial e começou a fazer o que precisa ser feito – muitos grupos comunitários se auto-organizam, se adaptam a uma realidade um pouco mais cruel e cooperam para transformar o dia de amanhã em algo menos sofrido.

É preciso tomar cuidado com o excesso de zelo e burocratização dos esforços para ajuda e levar em consideração que ninguém entende melhor dos haitianos do que eles próprios. Ao mesmo tempo, afinidades sociais e culturais fortes entre o Haiti e o Brasil sinalizam que algumas soluções educacionais que têm funcionado por aqui podem ser adaptadas culturalmente e preencher lacunas nesse processo de reconstrução.

Grande parte das inovações educacionais iniciadas recentemente no Brasil vem de ONGs, organizações comunitárias, ou outros institutos sem fins lucrativos. O Projeto Uerê, por exemplo, trabalha com crianças e jovens que sofreram traumas causados pela convivência diária com a violência, fazendo com que bloqueios na cognição e problemas de aprendizagem, como dislexia, sejam agravados.

O projeto começou com a experiência de Yvonne Bezerra de Mello com crianças de rua. Após a chacina da Candelária, em 1993, os sobreviventes foram morar embaixo de um viaduto, onde Yvonne começou o atendimento diário a 120 crianças. Esse trabalho estimulou a educadora a estudar causas dos traumas psicológicos, incluindo a parte neurológica e a desenvolver uma metodologia própria

que inclui exercícios para desbloquear os traumas, resgatar suas auto-estimas, estimular os sonhos e reintegrar crianças e jovens a suas comunidades.

Hoje, Yvonne aplica seu método em uma escola do Projeto no Complexo da Maré, o maior conjunto de favelas do Rio de Janeiro, e nas Escolas do Amanhã, programa que reúne um conjunto de escolas municipais situado em áreas conflagradas da cidade. O Programa Escolas do Amanhã também inclui outras duas iniciativas que poderiam ser aproveitadas na reconstrução do sistema educacional do Haiti.

O “Bairro-Educador”, da ONG Aprendiz, relembra aos moradores de comunidades carentes que “é preciso um bairro para se educar uma criança.” A educação, formal ou informal, não precisa e não deve esperar ou ficar confinada a paredes de novas escolas – ela pode acontecer em praças, jardins, igrejas, casas ou qualquer espaço minimamente apropriado para a reunião, orientação e cuidado de crianças e jovens. Membros de comunidades, como músicos, cozinheiras, pedreiros, mecânicos, ou simples contadores de histórias são convidados a dar oficinas artísticas e profissionais. Os “oficineiros” trabalham 4 horas por dia e são remunerados de acordo com o número de grupos atendidos, o que lhes rende entre R\$60 e R\$300 por mês.

A ONG Redes da Maré, também localizada na Maré, faz um trabalho relativamente parecido, buscando reunir e organizar talentos da própria comunidade para oferecer reforço educacional combinado com atividades culturais, como atividades lúdicas para a aprendizagem de matemática misturadas com teatro e música. A força dessas duas alternativas está na utilização de recursos físicos e humanos que já estão disponíveis localmente, o que pode ser realizado mesmo numa área de desastre, como é o caso do Haiti

Além dessas ações criadas e articuladas por organizações comunitárias, algumas políticas públicas governamentais devem ser analisadas para possível adaptação ao contexto haitiano. O Bolsa Família, programa de transferência de renda com condicionalidades, dá uma ajuda financeira a famílias pobres que mantêm crianças e jovens nas escolas e vacinados. Minimamente, é preciso subsidiar o direito à educação formal e à alimentação das crianças haitianas.

O Programa Universidade para Todos (ProUni) concede bolsas de estudos integrais e parciais em instituições privadas de ensino superior, que por sua vez recebem isenção de tributos. Uma versão especial, voltada para alunos haitianos, poderia ser criada por todos os países das Américas, com a condição de que os alunos beneficiados teriam de retornar ao Haiti depois do término dos estudos para construir o futuro do país.

Finalmente, há também novidades brasileiras no campo da filosofia educacional. O Professor Antônio Carlos Gomes da Costa adaptou ideias do Relatório Jacques Delors, da Unesco, que apresenta o conceito dos quatro pilares da educação (aprender a conhecer, a fazer, a viver juntos e a ser) à realidade brasileira para conceber a educação interdimensional. Em sua filosofia pedagógica, o

Professor transpõe esses quatro saberes em macro-competências e capacidades que podem ser facilmente avaliadas e sugere o desenvolvimento da educação para valores, para o auto-cuidado e para o autodidatismo, entre outros conceitos.

Essas são apenas algumas soluções operadas no Brasil que têm sido avaliadas positivamente e que poderiam ser adaptadas ao contexto haitiano atual. Como o tempo urge, é essencial que as prioridades sejam claramente ordenadas, que as ações sejam transparentes e que a cultura local seja sempre respeitada.

Rafael Parente é educador, pesquisador e trabalha atualmente como subsecretário de projetos estratégicos na Secretaria Municipal de Educação do Rio De Janeiro. É mestre em gestão educacional pela universidade PACE e está na fase final de um PhD em educação internacional e desenvolvimento na Universidade de Nova York (NYU). Seus principais interesses são: sistemas educacionais da América Latina, utilização de tecnologias de informação e comunicação na educação e parceiras público-privadas nos sistemas educacionais.

Fontes utilizadas:

<http://www.nytimes.com/2010/02/14/world/americas/14schools.html>

<http://www.nytimes.com/2010/03/15/opinion/15mon3.html?th&emc=th>

http://www.unicef.org/emerg/haiti_52590.html

<http://web.worldbank.org/WBSITE/EXTERNAL/COUNTRIES/LACEXT/0,,contentMDK:21896642%7Epag ePK:146736%7EpiPK:146830%7EtheSitePK:258554,00.html>

<http://www.marginalrevolution.com/marginalrevolution/2010/01/education-in-haiti.html>

http://en.wikipedia.org/wiki/Education_in_Haiti

<http://www.nationmaster.com/country/ha-haiti/edu-education>

http://www.unesco.org/en/education/dynamic-content-single-view/news/education_is_at_the_core_of_haitis_recovery_and_is_the_key_to_haitis_development_un e/back/9195/cHash/fabfdacc72/

<http://www.loc.gov/rr/international/hispanic/haiti/resources/haiti-education.html>

<http://aprendiz.uol.com.br/content/rocheprewr.mmp>

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=15133:brasil-ajudara-a-recuperar-a-educacao-superior-no-haiti&catid=212

http://odia.terra.com.br/portal/rio/html/2009/8/cdd_sera_bairro_educador_27405.html

Reconstructing and renewing from below

Silvana Gontijo

With a population of 9.8 million – almost half of whom are illiterate and over three quarters toiling below the poverty line – Haiti's human tragedy seemed almost complete. With the earthquake of 12 January 2010 and its destructive force more than 30 times the atomic bomb of Hiroshima, the drama took a dramatic turn for the worse.

The monumental challenge of reconstructing a country devastated by natural forces and centuries of misery and misguided public investment is in some ways similar to the task confronting post-war Europe in the middle of the 20th Century.

Imagining a programme of public education directly analogous to the one in Brazil would be to ignore the lack of capacities of the Haitian state to guarantee even the minimum rights of its citizens. But that does not mean Haiti can't learn some lessons from its neighbours.

So what are the resources at the disposal of Haiti to reknit its social tissue?

How can citizens be encouraged to access education when the only law in place is that of the strongest? What are the prospects for survivors of this catastrophe?

What can unite and mobilise them to take on new challenges beyond the great one of surviving each day?

Haiti's ability to renew itself will be founded on its particular historical identity, language, ethics and religion. Moreover, any social contract will need to build on existing aspirations, values and principles and cannot be engineered by outsiders. The house of Haiti will be reconstructed by Haitians.

Brazil nevertheless offers up some examples of a country that established an education and school model based on in some cases equally harsh realities and capacities. Crucially, the Brazilian approach emphasized urban space and community participation as the basis of educational reform.

Programmes such as the Neighbourhood School in Nova Iguacu (Rio de Janeiro), the Leaning Projects (in Sao Paulo) and the Child City (in Minas Gerais) could inspire educational initiatives in Port-au-Prince and the interior of the country.

It is only possible to design an efficient education policy on the basis of realistic diagnostics and mappings of capacities and potential, infrastructure and human resources. The above mentioned Brazilian programmes were based on the African adage that it takes all of a community to educate a single child.

Specifically, they anticipated moving beyond the school as the exclusive unit of teaching, and invoked teaching methodologies that drew on spaces between the school and the home as key learning environments. The use of culture and communicative means were also crucial pedagogical tools.

In Haiti, music – particularly ra ra and hip hop – are often used to inform programmes targeting at risk youth. The work undertaken by the NGO Viva Rio in Port-au-Prince are good examples of educational social technologies. Likewise, voodoo – the religion with the most followers in Haiti – is also critical to mobilising integrated and comprehensive educational forms. A wide range of technologies should also be harnessed for communicating education – not least radios and communal stations.

Haiti could start by looking within its borders in order to elaborate a model of education that is most appropriate. Even so, Brazilian experiences offer some hints of what is possible in complex situations. In the end, it will be a shared sense of purpose and solidarity amongst Haitians themselves that will be the most powerful tool in the reconstruction of the architecture of the country.

For more examples of Brazilian experiments in education consult:

<http://www.cpcd.org.br/principal/projetos/cc.html#>

<http://www.bairroescola.novaiguacu.rj.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?tpl=home>

<http://www.cidadeescolaaprendiz.org.br/institucional/portugues/>

Silvana Gontijo is a writer, journalist and president of the NGO Planetapontocom, as well as a specialist in media education. (www.planetapontocom.org.br)

Haiti: reconstruir e fundar

Silvana Gontijo

Com uma população de 9,8 milhões de habitantes, dos quais 47% são analfabetos e 80% vivem abaixo da linha da pobreza a história do Haiti já parecia um roteiro de tragédia humana encenada antes do drama final: o terremoto de 12 de janeiro de

O desafio de reconstruir um país devastado pela força da natureza e por séculos de miséria e malversação dos recursos públicos é comparável, na atualidade, ao pós guerra na Europa de meados do século XX.

Imaginar uma saída através da Educação Pública, como a conhecemos em nosso país, seria ignorar a realidade de um estado incapaz de garantir os direitos mínimos dos cidadãos haitianos.

Quais os recursos de que dispõe o país para refazer seu tecido social?

Como exercer a cidadania e exigir o acesso à educação quando a única lei em vigor é a do mais forte?

Qual a saída para os sobreviventes dessa catástrofe?

O que poderia uní-los e mobilizá-los para outros desafios além do de garantir a sobrevivência daquele dia?

De sua identidade histórica, linguística e religiosa é preciso erigir um código ético e de convivência dentro de um contrato social que traduza as aspirações, os valores e os princípios que deverão reger o processo de reconstrução da nação haitiana. É preciso reconstruir a casa morando dentro.

O Brasil pode dar um exemplo eficaz de modelo de educação escolar associado à intervenção no espaço urbano com a participação da comunidade. O programa Bairro Escola em Nova Iguaçu – Rio de Janeiro, inspirado nos Projetos Aprendiz - São Paulo e Cidade Criança – MG, pode inspirar ações educativas em Porto Príncipe e no interior do Haiti.

Para que se possa desenhar uma política eficiente é imprescindível partir-se de um diagnóstico da realidade mapeando recursos e potencialidades, infra-estruturas e recursos humanos sem ignorar as precariedades e os desafios a serem superados. Os dois programas brasileiros partiram do pressuposto moçambicano segundo o qual é preciso toda uma aldeia para educar uma criança.

Isso presume atuações que extrapolam os limites físicos das escolas e envolvem metodologias de ensino que utilizam o espaço entre a escola e a casa, como um terceiro ambiente de aprendizagem. As manifestações da cultura e os meios e as linguagens de comunicação podem ser ferramentas pedagógicas decisivas.

No Haiti a música já vem sendo utilizada como instrumento de articulação de ações voltadas para o resgate de jovens em situação de risco. O trabalho desenvolvido pela ONG Viva Rio, em Porto

Príncipe, com os grupos de A-ha é um bom exemplo de tecnologia social educativa através da cultura.

O Vodou, a religião com o maior número de adeptos, é também um fenômeno de comunicação e integração de sujeitos numa sociedade com poucas mídias de massa. Sem TV própria, o Haiti pode contar com as rádios (nenhuma em rede nacional) como parceiras na empreitada de mobilizar, educar e reconstruir.

A escolha das estratégias para juntar esses elementos na elaboração de um modelo de educação pós sismo é que definirá o sucesso ou fracasso do modelo a ser implementado. Talvez o amálgama seja a solidariedade, esse sim o elemento mais poderoso, na arquitetura da reconstrução do Haiti.

Para conhecer as experiências brasileiras acesse:

<http://www.cpcd.org.br/principal/projetos/cc.html#>

<http://www.bairroescola.novaiguacu.rj.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?tpl=home>

<http://www.cidadeescolaaprendiz.org.br/institucional/portugues/>

Silvana Gontijo é escritora, jornalista e preside a ONG planetapontocom, especializada em Mídiaeducação. (www.planetapontocom.org.br)